



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

<http://dx.doi.org/10.22351/et.v58i2.3122>

A TEOLOGIA TRINITÁRIA COMO CONTRIBUIÇÃO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO NO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO¹

*The Trinitarian theology as contribution to inter-religious dialogue
regarding to Brazilian Pentecostalism*

Adriano Sousa Lima²

Resumo: O presente artigo reflete sobre a teologia trinitária como contribuição para o diálogo inter-religioso no pentecostalismo (Assembleias de Deus) brasileiro. A fé cristã confessa que Deus é Trindade, Deus é relação. O objetivo do texto é demonstrar que apenas uma teologia trinitária pode contribuir de forma eficaz para o diálogo inter-religioso no pentecostalismo. Tendo como referência os teólogos pentecostais Amos Yong e Stanley Horton e os teólogos reformados Jürgen Moltmann e Karl Barth, o autor demonstra que a relação entre o Pai, o Filho e o Espírito é a base para que pentecostais possam entrar em diálogo com outras religiões. Esse diálogo, como sempre, é proposto da perspectiva da fé e firmado na própria identidade cristã. O autor conclui que a teologia trinitária, na medida em que estabelece uma relação plena entre as pessoas da Trindade, é um elemento significativo para o diálogo inter-religioso no pentecostalismo brasileiro.

Palavras-chave: Teologia trinitária. Pentecostalismo. Diálogo inter-religioso. Pneumatologia.

Abstract: The current text addresses Trinitarian theology as a contribution to inter-religious dialogue regarding to Brazilian Pentecostalism (Assembly of God). Christian faith confesses that God is Trinity, God is relation. This work demonstrates that only a Trinitarian theology may effectively contribute do inter-religious dialogue in Pentecostalism. The references are the Pentecostals theologians Amos Yong and Stanley Horton and the Reformed theologians Jürgen Moltmann and Karl Barth. The author demonstrates that the relation between the Father, the Son and the Spirit is the basis from which Pentecostals may address dialogue with other religions. This dialogue is proposed from the perspective of Christian faith. The author concludes that Trinitarian theology is a significant element for inter-religious dialogue regarding Brazilian Pentecostalism due to its establishment of a full relationship among the persons of the Trinity.

Keywords: Trinitarian theology. Pentecostalism. Inter-religious dialogue. Pneumatology.

¹ O artigo foi recebido em 30 de setembro de 2017 e aprovado em 19 de julho de 2018 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutor em Teologia pela PUCPR; professor na Graduação e no Programa de Pós-Graduação (Mestrado Profissional) da Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR); no Centro Universitário Internacional (UNINTER) e na Faculdade Cristã de Curitiba (FCC). Contato: adriano.lima.66@hotmail.com

Introdução

A teologia pentecostal assembleiana é reconhecida pela sua ênfase à pneumatologia, por um lado, e por outro lado, à sua posição negativa quanto ao diálogo com outras religiões. O Brasil, com um considerável número de pentecostais, é um país diverso cultural e religiosamente. Cada religião tem garantias constitucionais para a realização das suas liturgias. Nesse contexto, o diálogo é um elemento-chave importante para que cristãos pentecostais possam viver suas crenças e ao mesmo tempo respeitar e conversar com aqueles que têm crenças diferentes. Apesar de haver dificuldades nas bases das comunidades pentecostais, com o passar dos tempos, os pentecostais estão avançando nas reflexões e no diálogo com outras tradições cristãs e não cristãs. Esse é um processo lento, mas que vem ganhando forças devido a diversos fatores, tais como as migrações que colocaram diferentes culturas e religiões em contato direto, crise econômica, além da chegada de pentecostais nas universidades para estudar teologia e ciências das religiões.

Neste artigo será apresentada uma síntese da pneumatologia pentecostal das Assembleias de Deus em diálogo com a teologia trinitária como fundamentação para o diálogo inter-religioso.³ Na primeira parte do texto, são mostrados (sem aprofundamentos) alguns textos bíblicos que fazem menção ao Espírito Santo. No segundo momento, apresentam-se os traços característicos da maneira como a teologia pentecostal compreende a obra do Espírito de Deus. Na terceira e última parte do texto, a teologia trinitária é descrita como um fundamento importante que possibilita o diálogo dos pentecostais com outras tradições religiosas.

O Espírito Santo nas escrituras judaico-cristãs

Os pentecostais, com razão, atribuem o sucesso do seu movimento ao livre acesso que eles tiveram à Bíblia. Ao longo do tempo, eles foram extraindo daí uma teologia do Espírito Santo. Apesar de a expressão “Espírito Santo”, tal como apresentada aqui, não estar presente na Bíblia hebraica, é possível a construção de uma teologia pentecostal a partir do texto veterotestamentário. O teólogo Stanley Horton escreveu a obra “O que a Bíblia diz sobre o Espírito Santo”, que recentemente foi reeditada pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus – CPAD com o título “A doutrina do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento”. Seguindo os passos desse teólogo, apresenta-se de forma resumida a terceira pessoa da Trindade em diversas partes das Escrituras.

³ Apesar do texto não tratar dos pentecostais unicistas, compreende-se a relevante importância que tem esse grupo dentro do movimento pentecostal e, sobretudo, que os mesmos são fundamentais no diálogo inter-religioso. Apenas para citar, o teólogo pentecostal peruano Bernardo Campos, que se converteu ao pentecostalismo unicista, tem produzido importantes textos na direção do diálogo ecumênico e inter-religioso.

Logo no início da Bíblia, encontra-se a atuação do Espírito de Deus. O primeiro capítulo de Gênesis inicia da seguinte maneira: “No princípio criou Deus os céus e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas” (Gn 1.1-2). A Bíblia “atribui todas as obras de Deus, num sentido absoluto, a cada membro da Trindade, tanto individual como coletivamente. Cada uma das pessoas Divinas tem sua função específica. Todas elas, no entanto, operam em perfeita harmonia e cooperação em todo tempo”⁴. Todas as pessoas da Trindade, portanto, possuem os mesmos atributos divinos, menos os que caracterizam suas relações faciais. Sendo assim, o Espírito Santo é Deus, não sendo em absoluto aceita no pentecostalismo outra perspectiva. O teólogo pentecostal Eurico Bergstén, ao escrever uma revista para o primeiro trimestre de 2014 da Escola Bíblica Dominical⁵ para as Assembleias de Deus brasileiras, é categórico ao afirmar: “Muitos ignoram que o Espírito Santo é realmente uma pessoa. Acreditam que seja uma força impessoal, uma influência ou um sentimento positivo. Todavia, o Espírito Santo é uma Pessoa, a terceira pessoa da Santa Trindade, com todos os atributos divinos, assim como o Pai Celestial e seu Filho Jesus”⁶. As palavras do teólogo americano estão inseridas num conteúdo de formação da comunidade. O teólogo Claudionor de Andrade, atual consultor doutrinário e teológico das Assembleias de Deus, afirma que “se não considerarmos o Espírito Santo como a Terceira pessoa da Santíssima Trindade, incorreremos em grave pecado contra a ortodoxia”⁷. Essa é a compreensão básica dos pentecostais assembleianos no que se refere ao Espírito Santo.

A característica divina do Espírito Santo é sempre muito enfatizada nos textos de formação para os pentecostais. Com o propósito de evitar as possíveis confusões acerca do Espírito divino, a teologia pentecostal das ADs segue de perto o credo Niceno-Constantinopolitano. Na revista da Escola Bíblica para os jovens do primeiro trimestre de 2015, os jovens assembleianos estudaram, ao longo de três meses, o tema “Eu Creio: revelando ao mundo suas convicções cristãs”. Na terceira lição do trimestre, o teólogo Alexandre Coelho abordou o tema “Eu creio no Deus Espírito Santo”. Afirma Coelho:

Quando se fala da Trindade, deve-se levar em conta que estamos falando de um Deus em três pessoas, cada uma distinta da outra, mas atuando com o mesmo objetivo, em unidade. Elas podem ser identificadas separadamente, mas não podem ser separadas, pois têm a mesma essência. O Espírito Santo é a Terceira Pessoa da Trindade. O Espírito Santo é Deus. Se por um lado se revela como Deus Criador e Pai, o Filho se revela e age como o Salvador, o Espírito Santo se manifesta como aquele que conduz o homem

⁴ HORTON, Stanley. *A doutrina do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 1993. p. 15.

⁵ Nas igrejas Assembleias de Deus, todos os domingos pela manhã, a comunidade se reúne para a Escola Bíblica Dominical, onde é estudado um tema a partir de uma revista trimestral. As revistas são classificadas por faixa etária e aborda temas de caráter formativo e doutrinário.

⁶ BERGSTÉN, Eurico. A pessoa e a obra do Espírito Santo. *Revista da Escola Bíblica Dominical*, Rio de Janeiro: CPAD, primeiro trimestre de 2004. p. 5.

⁷ ANDRADE, Claudionor de. *As verdades centrais da fé cristã*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006. p. 84.

a Cristo, o santifica e consola, preparando-o para a segunda vinda de Jesus e para a vida eterna. Como Deus, ele é eterno (Hb 9.14), onisciente (1Co 2.10,11), onipresente (Sl 139.7) e onipotente (Lc 1.35)⁸.

Percebe-se a sintonia dos dois teólogos pentecostais, o primeiro americano e o segundo brasileiro, ambos enfatizando a essência divina do Espírito Santo. Não é possível compreender a pneumatologia pentecostal sem esse traço característico do Espírito. Desde as primeiras experiências na comunidade, os assembleianos já são ensinados a respeito do Espírito que é Deus.

De acordo com Horton, “alguns estudiosos judaicos e a maioria dos estudiosos liberais” concordam que a palavra “Espírito”, no versículo 2 do primeiro capítulo de Gênesis, pode ser traduzida como “vento poderoso”. A expressão hebraica para espírito é “ruach” e significa vento, fôlego. A questão que precisa ficar clara é que essa expressão pode ser utilizada para, pelos menos, 33 casos distintos. Horton exemplifica:

Em Êxodo 14.21 a palavra ruach é usada para identificar o forte vento oriental que soprou sobre o mar, até que os israelitas o atravessassem, em terra seca. A “viração do dia” (Gn 3.8) é o vento que se refere às brisas frescas da tarde. No deserto, “um vento do Senhor” trouxe codornizes do mar (Nm 11.31). Poeticamente, o salmista fala a respeito das “asas do vento” (Sl 18.10; 104.3). O Senhor também mandou “um grande vento” quando Jonas fugiu em direção a Tarsis (Jn 1.4). Gênesis 2.7 emprega uma palavra diferente para fôlego de vida (Hebraico, “vive”). Mas em 6.17 emprega ruach para fôlego, e em 7.22 combina as duas palavras entre si (“fôlego do espírito de vida”), o que demonstra o estreito relacionamento entre as ideias de espírito e de fôlego. Jô também emprega essa palavra quando fala na sua respiração (Jó 9.18) ou do seu hálito (Jó 19.17)⁹.

A palavra *ruach*, portanto, tem significado amplo no Antigo Testamento, podendo ter vários sentidos, não somente o de Espírito, relacionado ao Espírito Santo. Por essa razão “é geralmente aceito, portanto, que no Antigo Testamento a personalidade separada do Espírito Santo não é plenamente revelada”. Existe uma compreensão de que o Espírito seja o poder e a presença pessoal de Deus em ação.

A criação do ser humano é outro momento em que o Espírito de Deus vai aparecer na criação. A partir da expressão do versículo 26 do primeiro capítulo do Gênesis: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme à nossa semelhança”, entende-se a ação do Espírito de Deus no momento da criação. Horton explica que “embora nada seja dito a respeito do Espírito Santo aqui, a Bíblia demonstra que a imagem e a semelhança têm a ver com a natureza espiritual e moral do homem”. Na Carta aos Efésios (3.16; 4.24), o apóstolo clama a Deus para que os irmãos de Éfeso sejam corroborados com o poder pelo seu Espírito no homem interior e convida-os para que eles se revisitam do novo homem (que é segundo a imagem e semelhança de Deus), que é criado em verdadeira justiça e santidade. A partir dessas observações, completa Horton, “é

⁸ COELHO, Alexandre. Eu Creio – Revelando ao mundo suas convicções cristãs. *Revista da Escola Bíblica Dominical*, Rio de Janeiro: CPAD, primeiro trimestre de 2015. p. 20.

⁹ HORTON, 1993, p. 16-17.

razoável, portanto, crer que o Espírito Santo era tão ativo em Gênesis 1.26-28 quanto Ele o era em Gênesis 1.2, ou talvez até mais¹⁰.

O Espírito de Deus teria se revelado na vida de Moisés. Diante das dificuldades da caminhada do deserto, com o povo insatisfeito em constantes murmurações, por causa do alimento, Moisés teria ficado perturbado, por ver suas forças se exaurindo. Ele teria recorrido a Deus e clama por ajuda. De acordo com a narrativa bíblica, Deus manda Moisés escolher 70 anciãos entre os israelitas, que teriam a função de ajudá-lo na tarefa de liderar o povo. Após escolhê-los, Moisés deveria reunir-se com eles no Tabernáculo. E Deus desceria e tomaria parte do Espírito que estava sobre Moisés e colocaria sobre os anciãos (Números 11.17). Nessa pericope os pentecostais percebem a presença do Espírito de Deus sobre a vida de Moisés e dos anciãos, ajudando a liderar o povo. Ainda nos dias atuais permanece nos pentecostais a plena convicção de que o Espírito de Deus capacita os líderes da igreja na condução das atividades pastorais.

Da mesma forma que o Espírito de Deus se fez presente na criação, atuando diretamente na história humana, assim também ele acompanhou e ajudou Moisés. E sua ação ainda se faz perceber em todo o Antigo Testamento. Quando passamos os olhos pela história de Israel, encontramos o Espírito de Deus agindo na vida de Juízes, como Sansão ou mesmo como Otniel. E, quem diria, na vida de uma mulher chamada Débora, que era não somente juíza, mas também profetisa. E o que dizer de Samuel, Saul e Davi, todos ungidos pelo Espírito Santo? A presença e a ação do Espírito de Deus eram fortemente vivenciadas pelo povo de Israel.

Quando se analisam os livros proféticos, continua-se a perceber o Espírito de Deus com uma ação marcante. O texto clássico da teologia pentecostal sobre a ação do Espírito de Deus nos livros proféticos é certamente Joel 2.28-29, a profecia do derramamento do Espírito de Deus. A bênção destinada a todos sem distinção. O profeta Miqueias, como diz o capítulo 3.8, está “cheio do Espírito do Senhor”, para denunciar o pecado da liderança, dos cabeças. O profeta Isaías fala de um “servo” ungido pelo Espírito (41.8). Poderiam ser mencionados muitos outros textos dos profetas em que a ação do Espírito é explicitamente perceptível.

Ao folhear os evangelhos, logo se percebe a ação do Espírito de Deus, gerando o Salvador no ventre de Maria. O teólogo Horton lembra que “a razão de Jesus ter sido milagrosamente concebido no ventre de Maria pelo poder do Espírito é provavelmente uma indicação de que o Espírito estava com Ele e habitava nele daquele momento em diante¹¹. A partir do ministério de João Batista, as pessoas são informadas de que estaria vindo um que batizaria com “o Espírito Santo”. Esse fenômeno, informa Horton, “é, naturalmente, o cumprimento da promessa do Espírito (Joel), porém, acrescenta um novo fator não mencionado no Antigo Testamento. O Espírito não somente seria derramado sobre eles, mas também ficariam imersos nele, saturados nele¹². O Espírito de Deus estaria agora em missão no ministério de Jesus. Este, por sua vez,

¹⁰ HORTON, 1993, p. 19.

¹¹ HORTON, 1993, p. 92.

¹² HORTON, 1993, p. 93.

dotado de plena humanidade, “se submeteu à orientação do Espírito Santo”. Jesus, em toda sua vida e ministério, é conduzido pelo Espírito de Deus. Ele realiza os milagres pelo Espírito, fala pelo Espírito e é conduzido pelo Espírito. Portanto o Espírito de Deus, diferente de quando vinha sobre os juízes, profetas e sacerdotes, esteve permanentemente na vida de Jesus, desde o nascimento até a morte. E, como testemunha a fé cristã, o Espírito o ressuscitou dos mortos.

A ação do Espírito de Deus será vista de forma *espetacular* no livro dos Atos. Horton destaca que, se nos evangelhos ouve-se pouco a respeito do Espírito Santo, sendo que a maior referência é ao Messias, nos Atos é o Espírito de Deus quem vai ser mais mencionado, visto ser ele o Consolador, o Ajudador e o Mestre. Há uma relação entre o Filho e o Espírito, já que “o desejo de estender o Evangelho até os confins da Terra era de Cristo (1.8); mas o poder para realizá-lo era do Espírito Santo, igual ao de Cristo”. Apesar disso, “percorre pelo livro uma nova consciência do Espírito Santo”¹³.

A promessa do derramamento do Espírito é cumprida. Se nos evangelhos o Espírito de Deus ficou permanentemente na vida de Jesus, a partir dos Atos dos Apóstolos, ele fica continuamente com a igreja. Sua ação contribui para a expansão da pregação do evangelho. Os discípulos estão plenamente convictos e entusiasmados pelo Espírito, dando continuidade ao que Jesus havia iniciado. A mensagem do evangelho é espalhada com o poder do Espírito. Por onde os discípulos passam, pessoas se tornam membros da comunidade e estão cheios do Espírito de Deus. Muitos estão sendo batizados pelo Espírito e estão falando novas línguas. É o novo tempo em que a ação do Espírito é experimentada pelos cristãos em Atos dos Apóstolos.

Considera-se que o Espírito de Deus sempre esteve presente na história salvífica narrada na Bíblia Sagrada, desde o primeiro momento da criação, passando pelos patriarcas, juízes, profetas e sacerdotes. Atuou na vida de Jesus de Nazaré e permaneceu na igreja primitiva. Sua ação continuou sendo perceptível nas cartas paulinas e sua presença foi sentida por João na ilha de Patmos. Ele não vinha apenas para momentos específicos, como acontecia no Antigo Testamento. Sua presença e sua ação permaneciam de contínuo na vida dos cristãos. O dia a dia de cada seguidor de Jesus tornou-se diferente a partir de Pentecostes. O Espírito Santo fazia parte da vida deles. Em alguns momentos, eles eram aconselhados a buscar o batismo com o Espírito, em outros momentos, os apóstolos exortavam a que buscassem os dons espirituais e ainda eram incentivados a cultivar o fruto do Espírito. Era um novo tempo. O tempo do Espírito, o tempo da graça, o tempo da colheita, o tempo de pentecostes, o tempo do avivamento, o tempo do despertamento, o tempo de anunciar a salvação do Deus criador, no poder do Espírito. Para isso o Espírito esteve presente em toda a Escritura, Antigo e Novo Testamento.

¹³ HORTON, 1993, p. 147.

A obra do Espírito Santo

A pneumatologia pentecostal sublinha que a obra do Espírito Santo é contemplada desde o primeiro livro da Bíblia. O Espírito desempenhou um papel ativo na criação. Por meio de sua ação, o Espírito comunicava força e poder, demonstrando a possibilidade da criação.¹⁴ A obra do Espírito no primeiro livro da Bíblia aparece também em outros momentos. Na criação do ser humano, Deus soprou o fôlego da vida e, nesse contexto, o Espírito aparece como aquele que promove a vida. O Espírito não participa apenas da criação do céu e da terra, mas também é o autor da vida. É aquele que efetua o mais importante de todos os dons: a vida. O Espírito continua a dar vida às criaturas de Deus.

O teólogo norte-americano do século XVIII Jonathan Edwards lembra que a ação do Espírito de Deus sempre tem a intenção de glorificar a Jesus. Edwards afirma:

O fato de a ação produzir efeitos que engradeçam a estima das pessoas por aquele Jesus que nasceu da Virgem e foi crucificado fora dos portões de Jerusalém – parecendo confirmar e estabelecer ainda mais na mente humana a verdade declarada pelo evangelho de que ele é o Filho de e o Salvador dos homens – é sem dúvida uma comprovação de que tal obra é do Espírito de Deus [...] Portanto, se o Espírito que age em meio a um povo é claramente percebido como aquele que realiza uma obra que convence as pessoas acerca de Cristo e as conduz até ele – com a finalidade de confirmar em suas mentes a crença na história do Cristo que veio em carne e que ele é o Filho de Deus, enviado pelo Senhor para salvar os pecadores, o único Salvador de quem os pecadores têm imensa necessidade – e, ainda, se esse Espírito parece gerar nas pessoas pensamentos sobre Cristo superiores e mais honrosos do que elas costumavam ter, fazendo com que se voltem para Jesus, tudo isso, sem dúvida, é sinal de que esse é o Espírito verdadeiro e certo, por mais incapazes que sejamos de determinar se, para serem salvíficas, a convicção e a emoção sentidas pelas pessoas podem ter determinada forma ou grau¹⁵.

Para o teólogo norte-americano, a obra do Espírito tem o propósito claro de enaltecer o nome de Cristo. Aliás, essa é uma premissa fundamental para verificar a autenticidade e a veracidade de que de fato determinado acontecimento é oriundo do Espírito de Deus. Além disso, a pneumatologia assembleiana enfatiza que esse mesmo Espírito está ativo na comunicação da mensagem de Deus ao seu povo. Ele estava instruindo os israelitas no deserto (Ne 9.20), inspirando os salmistas na composição dos cânticos (2Sm 23.2), e os profetas eram inspirados pelo Espírito para transmitir as mensagens de Deus ao povo (Nm 11.29; Is 61.1-3). Era o Espírito, ainda, que capacitava a liderança do povo de Deus. Homens como Moisés, Gideão, Zorobabel, Bezelel e outros foram direcionados e fortalecidos pelo Espírito Santo para realizarem o trabalho de Deus.¹⁶ Percebe-se que o pentecostalismo entende a obra do Espírito de forma múltipla. Araújo lembra:

¹⁴ ANDRADE, 2006, p. 88.

¹⁵ EDWARDS, Jonathan. *A verdadeira obra do Espírito Santo*. São Paulo: Vida Nova, 2010. p. 46-47.

¹⁶ ARAÚJO, 2014, p. 285.

As diversas operações do Espírito são complementares entre si, e não contraditórias. Ao mesmo tempo, essas atividades do Espírito Santo formam um todo, não havendo plena separação entre elas. Alguém não pode ter (a) a nova vida total em Cristo, (b) um santo viver, (c) o poder para testemunhar do Senhor ou (d) a comunhão no seu corpo, sem exercitar estas quatro coisas. Por exemplo: uma pessoa não pode conservar o batismo no Espírito Santo se não vive uma vida de retidão, produzida pelo mesmo Espírito, que também quer conduzir esta mesma pessoa no conhecimento das verdades bíblicas e sua obediência às mesmas¹⁷.

O Espírito atua sempre no sentido de contribuir para que a comunidade se aproxime mais do Criador. O Espírito, para a teologia pentecostal, está a serviço da igreja. É aquele que assiste a igreja em todos os momentos. Digno de destaque é que, para a teologia pentecostal assembleiana, é necessário reforçar a ideia de que o Espírito sempre esteve ativo, mesmo antes do dia de pentecostes.¹⁸ A promessa de Joel mostra que, além do Espírito já estar agindo no mundo, a comunidade do antigo Israel manifestava uma fé inclusivista, na medida em que via que escravos e mulheres estavam no alcance da promessa. Agora o Espírito de Yahweh não é derramado apenas sobre filhos, jovens e velhos, mas também sobre filhas e escravas, pessoas consideradas como bens de família. Dessa forma, a promessa do Espírito é viva, ativa e atuante em todo o Antigo Testamento.

A ação do Espírito Santo segue mais abundante no Novo Testamento, desde o nascimento de João Batista, passando pelo nascimento de Jesus e agindo na vida dos discípulos. Ele é quem convence do pecado (Jo 16.7-8), realiza o novo nascimento e torna as pessoas membros do corpo de Cristo (1Co 12.13). O Espírito age diretamente no processo de santificação dos cristãos. É ele quem liberta do pecado, ajuda na adoração a Deus, na vida de oração, produz qualidades no caráter que glorifica a Cristo. O Espírito é o guia que conduz pelos caminhos da verdade (Jo 14.16,26).

O Espírito Santo, na teologia pentecostal assembleiana, é, portanto, aquele que santifica e consola, assim como preserva e convence do pecado. É o prometido ensinador (instrutor, mestre) que guia em direção a toda a verdade. E, finalmente, é o Espírito que prepara o povo para o arrebatamento da igreja¹⁹, que acontecerá por ocasião da segunda vinda de Jesus. Toda a ação do Espírito Santo tem como finalidade última a preparação da igreja para o final dos tempos. Esse é o principal papel da terceira pessoa da Trindade. Tal enfoque movimenta e influencia diretamente a pastoral assembleiana, que vive sempre na expectativa da *parúsia*.²⁰

O teólogo já citado Jonathan Edwards lembra ainda que “o espírito que opera nos homens uma profunda consideração pelas Sagradas Escrituras, firmando-os ainda mais na verdade e divindade da Palavra do Senhor, certamente é o Espírito de Deus”²¹.

¹⁷ ARAÚJO, 2014, p. 286.

¹⁸ HORTON, Stanley. *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996. p. 390.

¹⁹ Evento que marca a segunda vinda de Cristo para reunir no céu todos os salvos em comunhão.

²⁰ Refere-se à segunda vinda de Jesus Cristo à Terra.

²¹ EDWARDS, 2010, p. 52.

A obra do Espírito Santo, nesse aspecto, terá sempre como horizonte maior a consideração e o respeito pelas Escrituras, aceitando-as como Palavra inspirada e revelada por Deus. Nesse sentido, vale destacar que, para os pentecostais, essa é uma premissa fundamental, de forma específica quando o assunto é o ecumenismo, por exemplo. Sim, a rejeição dos pentecostais ao movimento ecumênico se dá muitas vezes por entender-se que existe certa dificuldade de determinados grupos em considerar a Bíblia como Palavra revelada por Deus. Com tais grupos jamais haverá diálogo ecumênico. Os pentecostais só estão dispostos a lutar pela unidade junto com as pessoas que consideram e honram a Sagrada Escritura. Nesse sentido, os pentecostais estão de acordo e primam pela unidade. Já em meados de 1967, após o Vaticano II e no auge do movimento ecumênico, aconteceu na cidade do Rio de Janeiro a I Conferência Mundial Pentecostal. Naquela ocasião, o pastor Thomas Zimmerman proferiu uma mensagem cujo título foi: “O Espírito Santo unificando a igreja”. Já naquele ano alguns líderes pentecostais tinham uma posição favorável ao movimento ecumênico:

No mundo atual, fala-se muito na unificação das igrejas. Com este sentimento os Pentecostais concordam. Temos constantemente em mira a oração do Senhor Jesus registrada em João 17.21: “A fim de que todos sejam um; como és tu, ó pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós”. Mas, enquanto os nossos corações respondem ao profundo desejo do Espírito por unidade, devemos frisar que não estamos prontos a aceitar uma união que é produto da sabedoria humana. A verdadeira Igreja é composta de pessoas que reconhecem a autoridade absoluta das Escrituras. Crêem na sua inspiração, na sua infalibilidade e na sua inteira verdade. Crêem que é a mensagem de Deus aos homens. Assim, pois, a união pela qual lutamos tem de firmar-se sobre a aceitação mútua da autoridade absoluta das Sagradas Escrituras²².

Como é possível perceber, no auge das discussões teológicas no final da década de 1960, os teólogos pentecostais já estavam discutindo o tema em conferências pastorais em âmbito mundial. O que os pentecostais fazem questão de destacar é que a Bíblia tem que ter primazia. Evidentemente, trata-se de uma leitura particular, pois as outras tradições cristãs também têm essa mesma preocupação com a Escritura. Contudo, as interpretações podem ser diferentes e até contraditórias. O pastor Zimmerman evoca o texto bíblico clássico do movimento ecumênico e pelo menos nesse contexto, o pastor pentecostal está em harmonia com uma quantidade substancial dos teólogos ecumênicos. Assim, a obra do Espírito Santo no pentecostalismo é sempre no sentido de enaltecer a Cristo, a unidade e a Escritura Sagrada.

Por uma teologia trinitária

A experiência cristã de Deus é uma experiência essencialmente trinitária. A fé cristã está fundamentada em um único Deus, que é Pai, Filho e Espírito Santo. No

²² ZIMMERMAN, Thomas. O Espírito Santo unificando a Igreja. In: CONDE, Emilio. *O Espírito Santo glorificando a Cristo*. Rio de Janeiro: CPAD, 1967. p. 64-67.

jogo das palavras do teólogo brasileiro Luis Carlos Susin, Jesus é o caminho para conhecer o Pai; o Pai e o Espírito são paisagens para conhecer o Jesus como caminho.²³ Mas, afinal, o que o teólogo de Caxias do Sul está querendo dizer com essa afirmação? Para Susin,

O Espírito é o ambiente, mas também o dom, a inspiração, a sintonia fina, a energia comum, enfim, o seio em que o Pai gera o Filho. Por isso, para conhecer bem a Trindade, é bom não esquecer que: Jesus é o caminho, o Pai e o Espírito são a paisagem. Paisagem sem caminho pode ser bonita, mas não permite andar. Em termos religiosos, isso significa praticar muita religião como rituais, culto, leis e obrigações, mas não seguir um caminho, não ser discípulo de um Mestre. Caminho sem paisagem é caminhar no deserto, sem orientação para onde ir. Isso significa ter de se esforçar muito no caminho de Jesus, mas dando voltas sem contar com as referências e inspirações do Espírito e sem a destinação e o rumo certo do Pai²⁴.

O mistério da fé cristã reside nessa relação trinitária, que, diga-se de passagem, é uma relação original. Nos evangelhos, as narrativas descrevem a experiência trinitária do próprio Jesus, quando foi batizado. Enquanto os sinóticos começam com uma cristologia do Espírito, Paulo e João pressupõem essa mesma cristologia, contudo, enfatizam uma pneumatologia cristológica. Essa relação está, portanto, eminentemente presente no Novo Testamento. Contudo, trata-se de uma relação um tanto ignorada, especificamente nas comunidades do Ocidente. É ninguém menos que Moltmann que vai registrar essa denúncia na sua clássica obra “O Espírito da Vida”. Diz o eminente teólogo:

O reconhecimento de uma mútua relação objetivamente determinada entre a cristologia pneumatológica dos sinóticos e pneumatologia cristológica de Paulo e João tem sido amplamente ignorada pelas tradições da Igreja Ocidental. Os inícios da cristologia do Espírito nos movimentos reformadores cristãos chegaram até mesmo a ser combatidos. O Cristo ressuscitado deveria ser o único Senhor da Igreja e do Império cristão; o Espírito de Deus deveria ser unicamente o Espírito do Senhor, a ser transmitido exclusivamente pela hierarquia “espiritual” da Igreja e pelas ungidas majestades apostólicas do Sacro Império. A recordação do Cristo do Espírito, de seu sermão da montanha e de sua não violência na paixão tinham que ser reprimidas como “recordações perigosas”. A forma de repressão mais simples é o historicizar desta história de Jesus para o tempo anterior à cruz e à ressurreição, portanto, para um passado que se situa “antes” da presença do querigma da Igreja. Mas com isto, o sentido canônico dos evangelhos, ao lado dos escritos apostólicos, deixa de ser atingido. Na verdade eles estão lado a lado e completam-se mutuamente na imagem de Cristo²⁵.

A denúncia de Moltmann, à parte um certo exagero, registra que de fato as igrejas do Ocidente nem sempre reconheceram essa importante relação. Entre os orientais, contudo, desde os Padres Capadócijs, essa relação já fora enfatizada. O

²³ SUSIN, Luis Carlos. *Deus: Pai, Filho e Espírito Santo*: São Paulo: Paulinas, 2007. p. 11-12.

²⁴ SUSIN, 2007, p. 14-15.

²⁵ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 66.

teólogo pentecostal americano Stanley Horton, na sua obra *A doutrina do Espírito de Deus no Antigo e no Novo Testamento*, dedica dois capítulos para falar da presença do Espírito de Deus na vida, no ministério e no ensinamento de Jesus. Horton destaca que, “embora as referências ao Espírito Santo no ministério de Cristo sejam muito relevantes, o evangelho de Lucas menciona o Espírito mais frequentemente nos dois primeiros capítulos do que em todo o restante do livro”²⁶. No entanto, é importante perceber que, na pneumatologia pentecostal, essa relação não passou despercebida, apesar de Horton não desenvolver uma cristologia pneumatológica nem tampouco uma pneumatologia cristológica.

O teólogo pentecostal Robert Menzies, no livro “Pentecostes”, publicado recentemente no Brasil, dedica uma pequena seção com o título “Jesus e o Espírito”. Contudo, ao longo de toda a referida seção, Menzies menciona apenas o fato de Jesus ter sido ungido pelo Espírito. Essa menção tinha como objetivo estabelecer a relação entre a presença do Espírito na vida de Jesus e na vida dos discípulos depois do dia de Pentecostes. Na teologia pentecostal brasileira, um dado é surpreendente: na revista da Escola Bíblica Dominical do primeiro trimestre de 2001, que tinha por título “A Pessoa e a obra do Espírito Santo”, estudado durante três meses, em nenhum momento a relação entre o Cristo do Espírito e o Espírito de Cristo foi mencionada. Isso demonstra a necessidade de resgatar uma pneumatologia cristológica no pentecostalismo brasileiro.

O teólogo pentecostal das Assembleias de Deus dos Estados Unidos, Amos Yong, é franco ao afirmar que apenas uma teologia pneumatológica pode ser uma teologia totalmente trinitária.²⁷ Essa abordagem, como já foi possível perceber, é absolutamente recente, principalmente no pentecostalismo. Porém, ao mesmo tempo em que é recente, é urgente uma reflexão teológica séria e comprometida, que não deixe isolada a terceira pessoa da Trindade. Embora exista uma tendência entre os pentecostais em falar a respeito do Espírito de forma separada, esse não é o procedimento mais adequado, de acordo com alguns autores. O fato é que é “impossível falarmos de Cristo, de sua pessoa e de sua ação sem ao mesmo tempo falarmos de sua experiência de Deus e de sua experiência do Espírito de Deus”²⁸. É necessário reconhecer sempre a mutualidade trinitária existente entre Pai, Filho e Espírito. Trata-se de uma relação profunda. Nas palavras de Moltmann:

O Pai gera o Filho em virtude do Espírito Eterno. O Pai sopra o eterno Espírito na presença do Filho. O Filho e o Espírito, segundo a imagem da palavra e do alento, procedem simultaneamente do Pai. Não existe nenhuma pós-ordenação de um em relação ao outro. Estaremos falando do Espírito quando falarmos do eterno nascimento do Filho a partir do Pai. Então, será possível percebermos as relações recíprocas entre o Espírito

²⁶ HORTON, 1996, p. 87.

²⁷ YONG, Amos. *Beyond the impasse: Toward a Pneumatological Theology of Religions*. Baker Academic, 2003. “To put it bluntly, only a genuinely pneumatological theology is a fully trinitarian theology.” (tradução nossa).

²⁸ MOLTSMANN, 2010, p. 76.

Santo e Cristo, o Filho, em suas múltiplas interações. Não são dois atos distintos em que o Filho procede do Pai e o Espírito é soprado pelo Pai. Antes o eterno ser-gerado do Filho pelo Pai e o eterno proceder do Espírito do Pai, apesar de todas as diferenças, são perfeitamente uma só coisa, de modo que Filho e Espírito não estão um ao lado do outro nem um depois do outro. Se o Espírito procede do Pai, então este proceder pressupõe o Filho, pois o Pai só é Pai em sua relação com o Filho. Se o Filho é gerado do Pai, então o Espírito acompanha a geração do Filho e se manifesta através dele. Mas isto só pode ser imaginado se o Espírito não apenas repousa sobre o Filho e não apenas se manifesta em sua eterna geração, mas se já a geração do Filho a partir do Pai é acompanhada pelo proceder do Espírito a partir do Pai. O Espírito não pode ser imaginado sem o Filho, o Filho não pode ser imaginado sem o Espírito²⁹.

Como é perfeitamente possível perceber, para Moltmann, a relação mútua entre as personalidades da Trindade é o fundamento da teologia cristã. O Pai participa da vida do Filho, que, por sua vez, é ungido pelo Espírito. O pentecostalismo reconhece essa relação. No entanto, precisa explorá-la ainda mais. Essa relação, por sua vez, deverá ser sempre recíproca, para que se evite, de um lado, o cristomonismo e, por outro, o pneumatomonismo. A necessidade de aprofundar cada vez mais uma pneumatologia trinitária se dá, em primeiro lugar, pelo fato de ser esse um dado central para a fé cristã; em segundo lugar, especificamente no contexto desta pesquisa, porque a reflexão trinitária contribui para uma teologia pentecostal das religiões. Antes, porém, faz-se necessário lembrar que essa abordagem pneumatológica acontece devido ao que está sendo dito a respeito da teologia trinitária. Nas palavras do teólogo belga Jacques Dupuis: “Sendo o Espírito Santo imprescindível ponto de inserção de Deus na vida dos seres humanos e dos povos, a sua ação imediata – que passa por cima do evento pontual de Jesus Cristo – abre o caminho para um modelo diferente de teologia cristã das religiões, um modelo não mais cristocêntrico, e sim pneumatocêntrico”³⁰. É nesse aspecto que Yong destaca o que foi afirmado anteriormente. Existem, na concepção do teólogo pentecostal, numerosas vantagens de uma reflexão pentecostal das religiões. Contudo, lembra Yong, a mais importante é que tal abordagem tanto revigora como motiva a teologia trinitária.³¹ Nesse contexto, portanto, o pentecostalismo entende a importância de tal reflexão, reconhecendo que a mesma apresenta aspectos positivos no diálogo com outras tradições religiosas.

O teólogo pentecostal referido lembra que Agostinho compreendia o Espírito como amor que existia entre o Pai e o Filho. Em outra metáfora, o Espírito é a respiração que medeia a fala do Pai e a palavra falada, que é o Filho. Yong menciona ainda Barth, para quem o Espírito revela-nos o que o Revelador revelou, a saber, o Filho.³²

²⁹ MOLTSMANN, 2010, p. 76-77.

³⁰ DUPUIS, Jacques. *Rumo a uma teologia do pluralismo religioso*. São Paulo: Paulinas, 1999. p. 275.

³¹ YONG, 2003, p. 42.

³² YONG, 2003, p. 42. “Augustine, for example, understood the Spirit as the love that existed between Lover (Father) and Beloved (Son). For Barth, the Spirit reveals to us (i.e., is the “revealedness” of...) what the revealer (Father) has revealed (Son). Another trinitarian analogy includes the Spirit as the breath that mediates speaker (Father) and the spoken word (Son) (Gen. 1:1-3).” (tradução nossa).

Inclusive, Barth lembra que o Espírito é definido pelo símbolo Niceno como “Santo, Senhor e vivificador, que procede do Pai e do Filho e junto com o Pai e o Filho é adorado e glorificado”. O que isso significa? Barth responde:

Isto quer dizer: ele mesmo é Deus – o mesmo Deus uno que é também o Pai e o Filho, que age como Criador, mas também como Reconciliador, como Senhor da aliança, mas que agora, como este Deus, no poder iluminador de sua ação não só está entre os seres humanos, mas habita, habitou e habitará neles – o mesmo Espírito como aquele ar movente e aquela atmosfera movida em que os seres humanos podem (quanto ao mais, totalmente isentos de premissas) viver, pensar e falar como seres que são conhecidos por ele e o conhecem, como seres por ele chamados e a ele obedientes, como filhos gerados por sua palavra³³.

É possível perceber, pelas palavras do teólogo suíço, a centralidade da relação trinitária. A partir mesmo do Credo Niceno, compreende-se que o Espírito é o mesmo Deus uno, que é o Pai e o Filho; que se trata do Deus criador, salvador e vivificador. Portanto nada justifica uma teologia pentecostal que deixe de lado essa relação tão fundamental. Nada justifica uma pneumatologia que fale do Espírito de forma independente, desconectada do Pai e do Filho. Se gerações passadas enfatizaram o Espírito de forma isolada, a nova geração de pentecostais deverá seguir o caminho da Escritura, que enfatiza e fundamenta essa relação. E, nesse particular, como tem sido observado, os pentecostais não estarão sozinhos, mas acompanhados pelos Pais da Igreja, pelos grandes teólogos da Idade Média, pelos mestres da escolástica, pelos grandes teólogos orientais e por teólogos modernos, da grandeza de Barth.

O teólogo Amos Yong lembra a metáfora de Irineu sobre as duas mãos do Pai, para que se possa explorar uma teologia trinitária. Ele explica que a palavra representa de forma concreta Jesus Cristo, enquanto o Espírito representa o dinamismo do Cristo unido. Para o teólogo assembleiano, Deus faz todas as coisas através das suas duas mãos.³⁴ Yong explica a importância dessa relação na reflexão teológica:

³³ BARTH, Karl. *Introdução à Teologia Evangélica*. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 38.

³⁴ YONG, 2003, p. 43. “I would suggest that one way to forge a robust trinitarianism is to revisit the patristic metaphor of Word and Spirit as ‘the two hands of the Father’. The origins of this metaphor go back to Irenaeus. Briefly stated, the Word represents concreteness – as in, e.g., Jesus of Nazareth and the written Scriptures – historical particularity and the human experience of objectivity; the Spirit represents the dynamism of the anointed one – as in, e.g., the Christ, and the living, inspired, and illuminating word of God – cosmic relationality and the human experience of subjectivity. I will later (in chapter six) propose a metaphysical interpretation of the ‘two hands’. For the moment, however, I understand these first and foremost as theological categories that function heuristically and metaphorically. They enable us to envision the truth that God works all things with the divine hands: by and through *both* Word and Spirit. This means *not* that some things are to be considered manifestations of Word and other things of Spirit, but that Word and Spirit are inseparable features of *all* things. Thus, there is the universality of Word (e.g., the cosmic Christ) as well as a particularity of Spirit (e.g., that accentuates and values the differentiated order of determinate things) precisely because both aspects inhere – as in the patristic notion of *circumincessio* and the Greek notion of *perichoresis* – and inform each other. If this is the case, then any assessment that neglects either aspect of what God does fails truly to capture the heart or essence of that work or reality.” (tradução nossa).

Esta união da Palavra e do Espírito significa que as vantagens de uma abordagem pneumatológica em prol da tarefa teológica, assim, pode ser avaliada a partir de vários ângulos. Teologicamente, isso significa que a reflexão deve reunir o contexto e horizonte bíblicos com o contexto e horizonte contemporâneos. Doutrinariamente, isso significa que artigos de fé devem ser articulados em termos de fidelidade às testemunhas do passado e relevante para as necessidades e preocupações contemporâneas. O mais importante, no entanto, são as implicações metodológicas a respeito do fazer teológico envolvendo Escritura, tradição, razão e experiência, cada uma delas considerada como a conjunção de ambos Palavra e Espírito. Escritura, por exemplo, é a Palavra de Deus, mesmo como testemunha de Cristo como o Logos e, ao mesmo tempo, a Escritura, como um produto, é inspirada e iluminada pelo Espírito. A tradição é o intérprete da Escritura, ao mesmo tempo que é liderada pelo Espírito nesse processo de interpretação (por exemplo, como no processo canônico NT). A razão é tanto Logos (Jo 1) como Espírito, enquanto este é mente e intérprete de Deus (1 Co 2. 10b-11). A experiência é tanto concreta – de Cristo – quanto dinâmica – do Espírito – mesmo enquanto ser de Deus de forma última (Cristo como a representação do Pai e do Espírito como a presença do Pai)³⁵.

O teólogo Amos Yong destaca a fundamental importância da abordagem trinitária na teologia pentecostal. Conforme já tem sido destacado, a relação do Pai, Filho e o Espírito de Deus é algo que perpassa toda a teologia, a cristologia e, conseqüentemente, a pneumatologia. Assim, é possível, a partir de uma teologia trinitária, desenvolver uma teologia pentecostal brasileira do diálogo inter-religioso. Aliás, no final da sua tese doutoral na Universidade de Boston, Yong é categórico ao afirmar que “uma teologia pentecostal das religiões deve ser fundamentada em um trinitarianismo robusto que reconhece o Filho e o Espírito como as duas mãos do Pai”. E finaliza: “Tal teologia trinitária permite a ambas as abordagens, cristológica e pneumatológica, acesso ao fenômeno da religiosidade humana, ainda que em diferentes aspectos”³⁶.

³⁵ YONG, 2003, p. 44. “This togetherness of Word and Spirit means that the advantages of a pneumatological approach to the theological task thus can be assessed from a number of angles. Theologically, it means that reflection should bring together the biblical context and horizon with the contemporary context and horizon. Doctrinally, it means that articles of faith should be articulated in terms of faithfulness to past witnesses and relevance to contemporary needs and concerns. Most important, however, are the methodological implications regarding the doing of theology as involving Scripture, tradition, reason and experience, each considered as the conjunction of both Word and Spirit. Scripture, for example, is the Word of God even as it testifies to Christ as the Logos; at the same time, Scripture as a product is inspired and illuminated by the Spirit as well. Tradition is the interpreter of Scripture even as it is led by the Spirit in that process of interpretation (e.g., as in the NT canonical process). Reason is both Logos (John 1) and Spirit as the mind and interpreter of God (1 Cor. 2:10b-11). Experience is both concrete – of Christ – and dynamic – of the Spirit – even while ultimately being of God (Christ as the representation of the Father and the Spirit as the presence of the Father).” (tradução nossa).

³⁶ YONG, Amos. *Discerning the Spirit(s)*. A pentecostal-Charismatic Contribution to Christian Theology of Religions. Bloomsbury T&T Clark, 2000. p. 311. “A Pentecostal-charismatic theology of religions should be founded on a robust trinitarianism that recognizes the Son and the Spirit as the two hands of the Father even while it avoids the tri-personalistic understanding of the Trinity rejected by Oneness Pentecostals. Such a trinitarian theology allows for both christological and pneumatological approaches to the phenomenon of human religiosity, albeit in different respects.” (tradução nossa).

Portanto uma teologia trinitária tal como a Escritura apresenta é fundamento para uma teologia pentecostal brasileira das religiões.

Conclusão

As considerações finais do texto reafirmam a significativa importância do diálogo inter-religioso no tempo atual e a necessidade do engajamento de cada cristão pentecostal na participação efetiva desse diálogo. O Espírito Santo, que deseja a unidade da igreja e o diálogo pacífico e positivo é um companheiro importante nessa caminhada. Desde os tempos veterotestamentários, o Espírito Santo vem atuando na caminhada do povo de Deus e abrindo caminhos para uma profunda unidade e comunhão.

A teologia pentecostal, na medida em que enfatizar e aprofundar a teologia trinitária, certamente vai encontrar fundamentos sólidos para uma participação mais efetiva no diálogo com outros cristãos e com outras tradições religiosas. As obras do Espírito Santo sempre foram realizadas com o profundo objetivo de promover unidade e comunhão no meio do povo de Deus. Nesse sentido, é absolutamente legítimo afirmar que o ecumenismo e o diálogo inter-religioso fazem parte do trabalho do Espírito Santo na história do povo de Deus e estão inseridos na grande obra que o Espírito deseja fazer no cristianismo e especificamente no pentecostalismo do século XXI.

O olhar positivo para o diálogo entre as diferentes tradições religiosas, da perspectiva pentecostal das Assembleias de Deus, poderá iniciar nas diversas frentes: na formação teológica e pastoral dos líderes, demonstrando que o diálogo não é uma ameaça nem compromete a missão da igreja; na formação teológica de cada membro da comunidade, através dos ensinamentos na escola dominical, seminários, congressos, literatura, entre outras atividades, cuja finalidade seja educar pentecostais na fé cristã. Essa perspectiva do diálogo contribui de forma positiva para a convivência harmoniosa entre as pessoas, para a cultura da paz, superação do preconceito e violência religiosa. O tempo atual exige outro pentecostalismo: o pentecostalismo da unidade com o diferente; do diálogo com outras tradições religiosas.

Referências

- ANDRADE, Claudionor de. *As verdades centrais da fé cristã*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.
- ARAÚJO, Isael. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.
- BARTH, Karl. *Introdução à Teologia Evangélica*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- BERGSTÉN, Eurico. A pessoa e a obra do Espírito Santo. *Revista da Escola Bíblica Dominical*, Rio de Janeiro: CPAD, primeiro trimestre de 2004.
- COELHO, Alexandre. *Eu Creio – Revelando ao mundo suas convicções cristãs*. *Revista da Escola Bíblica Dominical*, Rio de Janeiro: CPAD, primeiro trimestre de 2015.
- DUPUIS, Jacques. *Rumo a uma teologia do pluralismo religioso*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- EDWARDS, Jonathan. *A verdadeira obra do Espírito Santo*. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- HORTON, Stanley. *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.
- _____. *A doutrina do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 1993.
- MOLTMANN, Jürgen. *O Espírito da vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- SUSIN, Luis Carlos. *Deus: Pai, Filho e Espírito Santo*. São Paulo: Paulinas, 2007.

YONG, Amos. *Beyond the impasse: Toward a Pneumatological Theology of Religions*. Baker Academic, 2003.

_____. *Discerning the Spirit(s)*. A Pentecostal-Charismatic Contribution to Christian Theology of Religions. Bloomsbury T&T Clark, 2000.

ZIMMERMAN, Thomas. O Espírito Santo unificando a Igreja. In: CONDE, Emílio. *O Espírito Santo glorificando a Cristo*. Rio de Janeiro: CPAD, 1967.